



## Estabilidade e deformabilidade das formas linguísticas

Clara Nunes Correia\*  
(Faculdade de Ciências Sociais e Humanas –  
Universidade Nova de Lisboa)

**RESUMO:** Neste artigo propõe-se, a partir das propostas da Teoria Formal Enunciativa de A. Culioli, discutir-se alguns dos mecanismos linguísticos que permitem estudar as formas linguísticas, tendo em conta os conceitos de estabilidade e de deformabilidade. A análise proposta incide sobre as ocorrências de verbos como 'dar', 'fazer' e 'ter' que manifestam em Português Europeu valores diferenciados, dependendo da sua ocorrência enquanto verbos 'plenos', 'verbos suporte', ou em expressões fixas.

Palavras-chave: Domínio nocional; Formatação discreta/densa/compacta; Forma-esquemática

### Pontos de partida

Os conceitos de estabilidade e de deformabilidade das formas linguísticas são produtivos e relevantes desenvolvidas no quadro das propostas da Teoria Formal Enunciativa (doravante, TFE). Assim, numa primeira fase deste texto, apresentam-se, sumariamente, alguns dos pontos que suportam este programa de trabalho, apresentação esta que assenta em duas ordens de razões: a primeira, de carácter epistemológico e a segunda, de carácter metodológico.

Sob o ponto de vista da epistemologia, a TFE disponibiliza-se para discutir os conceitos da linguística actual, centrando a atenção na diversidade das línguas, procurando os invariantes e definindo fronteiras entre os diferentes domínios do saber. Metodologicamente, esta teoria encara a complexidade das manifestações linguísticas como um todo, a partir da proposta de um programa de trabalho que dê conta de um conjunto de operações abstractas, evidentes nos textos através de marcadores específicos disponíveis em cada língua. Como princípio, as propostas da TFE não constituem um modelo, no sentido rígido do termo, mas um programa de trabalho. Esta precisão implica procedimentos metodológicos que devem ser observados: construir problemas, definir objectivos precisos, dar conta desses objectivos tendo em vista as sequências linguísticas produzidas e reconhecidas por falantes de uma dada língua, ou de diferentes línguas.

Ao definir a linguística como a ciência que tem como objecto de análise a linguagem apreendida através da diversidade das línguas humanas (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b), Culioli define esse programa como a reconstrução das noções primitivas, das operações elementares, das regras e dos esquemas que engendram as categorias gramaticais e as manifestações de marcadores inerentes a cada língua, através de um processo teórico e formal.

Procura-se, assim, não a construção de uma gramática universal, mas os invariantes que fundamentam e regulam a actividade da linguagem, a partir de configurações presentes na diversidade das línguas. Pretende-se, como objectivo, construir um sistema de representação metalinguística e uma teoria dos observáveis, e formular problemas de forma a construir processos de reflexão que

---

\* claranc@netcabo.pt



se baseiem na análise de classes de fenómenos. .

A linguagem é, por isso, definida como uma actividade de produção e de reconhecimento de formas linguísticas, isto é, de sequências textuais. Ao linguista caberá a tarefa de dar conta, através de uma construção metalinguística, dessa produção e desse reconhecimento, reconstruindo as operações abstractas a que não tem acesso directo, através de conjuntos de marcadores presentes nos textos, vestígios dessas operações. Deste modo, o linguista construirá um sistema de representações que incide sobre a língua, entendida, ela própria como um sistema de representações.

O modelo apresentado tem como suporte um conjunto de conceitos teóricos que importa definir. O conceito de noção é um dos conceitos centrais neste programa de trabalho. Para este autor as noções são apreendidas e estabilizadas através das ocorrências linguísticas. As noções são pré-lexicais e pré-enunciativas, e só podem ser definidas intensionalmente, isto é, qualitativamente, podendo ser analisadas de acordo com três tipos diferenciados: lexicais (ou predicativas), gramaticais e complexas.

Se às noções lexicais estão associadas classes de palavras que ao serem lexicalizadas serão sujeitas a um filtro ('filtro lexical') que determina, na enunciação, a escolha de um dos elementos da classe, às noções gramaticais - como o tempo, o aspecto, a diátese, o número, o género ...- estão associadas marcas gramaticais, próprias de cada língua. Em português, por exemplo, o morfema -s marca o número plural dos nomes, adjectivos e determinantes.

Por seu lado, as noções complexas são o resultado da instanciação de um esquema - o esquema de lexis - definido na teoria como uma categoria pré-enunciativa:

(...) Une lexis n'est pas un énoncé: elle n'est ni assertée, ni non-assertée, car elle n'est pas (encore) située (repérée) dans un espace énonciatif muni d'un référentiel (système de coordonnées énonciatives (...)). Une lexis est donc à la fois ce qu'on appelle souvent un contenu propositionnel (...) et une forme génératrice d'autres formes dérivées (...). Toute relation qui a cette propriété est une lexis qu'elle devienne un syntagme ou une phrase.(...) (CULIOLI, 1999a: 101).

Se se aceitar, tal como é proposto na TFE, que uma noção é definida como um conjunto complexo de propriedades físico-culturais, tendo como característica ser pré-lexical e indiscernível, tendo um estatuto de entidade predicável, serão as ocorrências que ganham diferentes propriedades ao serem localizadas em relação a um tempo e um espaço.

Quando se fala de ocorrência deve ter-se em conta a inter-relação entre dois tipos de ocorrências: por um lado existem as ocorrências linguísticas (e as ocorrências metalinguísticas), por outro, as ocorrências fenomenais. As ocorrências linguísticas constituem os termos de um enunciado. Produz-se uma relação entre o posicionamento dos termos e as relações de localização abstracta, criando-se uma imbricação de ocorrências e resultando dessa relação um conjunto de valores diferentes de uma mesma ocorrência. O exemplo de Culioli (1990: 56) torna claro este conceito:



- (1.a) Pour être bruyant, il est bruyant  
(1.b) Il est bruyant pour être bruyant

em que, no primeiro caso, há uma leitura de grau (X é muito barulhento), no segundo caso há uma leitura de finalidade (X é barulhento (só) para ser barulhento).

A análise metalinguística destas ocorrências deverá ser feita tendo em conta os valores que estão presentes em cada um dos enunciados e que os diferenciam. No primeiro caso - '*pour être bruyant, il est bruyant*'- há uma operação que relaciona as duas ocorrências da noção (operação de identificação qualitativa).

Nas ocorrências fenomenais, pelo contrário, o linguista nada terá a dizer, enquanto linguista. Estas ocorrências referem um universo de objectos, ou de inter-relações entre objectos, mais ou menos rígidos, que se adquirem culturalmente. Assim, a /bolo/, por exemplo, estão associadas determinadas propriedades diferentes das de /água/, /mesa/, etc., variando estas noções com as diferentes culturas. No entanto, as análises feitas pelos linguistas terão de ter em conta todas as ocorrências fenomenais, se não quiserem analisar um conjunto de entidades estranhas aos enunciadores e co-enunciadores de uma determinada língua. As relações entre ocorrências fenomenais e ocorrências linguísticas (e metalinguísticas) são interdependentes: as ocorrências linguísticas não pré-existem às ocorrências fenomenais. A passagem que é feita das ocorrências fenomenais às ocorrências linguísticas assenta num processo de abstracção (cf. CULIOLI, 1990: 70), sendo analisadas a partir das relações que estabelecem entre si, no enunciado, como esquematicamente se pode representar na fig.1:

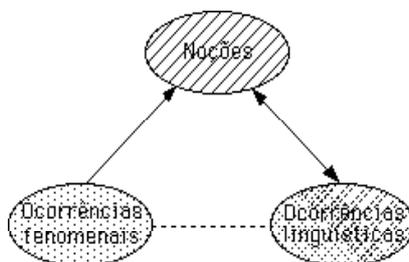


Fig. 1

Este esquema evidencia o facto de que é através das ocorrências que se pode apreender as noções. É a partir da construção de uma classe de ocorrências dessa noção que é possível designá-la.

As operações de determinação nocional incidem sobre a classe de ocorrências de uma noção diferenciando lexicalmente as diferentes noções.

Como referi anteriormente, um dos pontos interessantes desta concepção teórica baseia-se, sobretudo, numa arrumação dos saberes: sob o ponto de vista epistemológico há uma separação nítida entre o que é da competência da linguística e o que é da competência de outros saberes, como as teorias cognitivas ou as teorias neurológicas: o centro da discussão não é saber como ou por que é que se produzem sequências linguísticas, mas é importante saber (ou pretender saber) como se organizam, linguisticamente, essas sequências.

Em Culioli (1990: 41) é definido o trabalho do linguista, em que, a partir de um



sistema de representação metalinguística, este deverá ser capaz de “(...) 1) representar os fenómenos graças a representações possuidoras de propriedades formais construídas a partir de termos primitivos e de acordo com princípios regulares (...); 2) efectuar cálculos (...) cálculos [que possam] reenviar às operações e simular as operações [subjacentes aos textos] (...)”.

A relação que estas operações abstractas mantem com os marcadores linguísticos tem como base um sistema de níveis de representação em que:

(i) no nível 1 (nível nocional) se situam as representações abstractas e os mecanismos que constituem a actividade de linguagem; neste nível as operações abstractas - como a operação de localização abstracta - ao incidirem sobre noções predicativas (noções de tipo  $\alpha$ ) e sobre as noções do tipo  $\gamma$  (relações entre noções de tipo  $\alpha$ ) determinam-nas, afectando-as com valores referenciais das noções gramaticais, noções de tipo  $\beta$ ;

(ii) no nível 2 (nível textual) encontram-se as sequências linguísticas que podem ser observadas: “(...) cada texto é a realização de um sistema de representações específico e é constituído por traços de operações que incidem sobre os elementos do nível 1 (...).” (CAMPOS, 1998: 17);

(iii) no nível 3 (nível das representações metalinguísticas) são construídas as hipóteses teóricas capazes de dar conta das operações do nível 1, através da observação das ocorrências dessas noções manifestadas no nível 2. Ao encontrar-se uma solução teórica que seja capaz de tratar um enunciado como um enunciável, ou demonstrar a má formação de um não-enunciado, encontram-se as descrições finas de fenómenos complexos, a partir de um conjunto de operações.

As relações que os três níveis de representação estabelecem entre si levantam algumas questões interessantes: para o linguista apenas devem constituir interesse de estudo os níveis 2 (nível das representações linguísticas) e o nível 3 (nível da construção das representações metalinguísticas). A partir de uma ou várias sequências linguísticas, produzidas e reconhecidas por um enunciador, é possível manipular de uma forma controlada os elementos que as constituem, verificando-se quais as diferentes operações implicadas na produção e no reconhecimento dessas sequências. Esta estratégia constitui um dos pressupostos para um afastamento metodológico da actividade de análise linguística como uma actividade meramente classificatória - princípio relevante e que suporta o ponto 3 deste artigo.

Por se considerar que não há ocorrências textuais isoladas, entende-se na teoria que qualquer ocorrência de uma noção é um elemento de um conjunto de ocorrências estruturadas de forma a constituírem um domínio, definido topologicamente com um Interior, uma Fronteira e um Exterior.

## 1. Domínio nocional

As diferentes operações abstractas, ao incidirem sobre as noções, constroem um *domínio nocional*, isto é, uma classe de ocorrências que as torna quantificáveis, e um *espaço topológico*, que permite verificar o que pertence ao domínio, o que lhe é estranho, e o que se mantém na fronteira desse domínio. A construção deste espaço topológico determina a noção qualitativamente: “(...) un domaine notionnel (noté (p, p’), est le domaine d’occurrences d’une notion: ces



domaines ne sont appréhendables qu'à travers les occurrences qui permettent leur constitution (...)" (CULIOLI, 1990: 53).

A fig. 2 representa, esquematicamente, o domínio nocional em que:

1 é o centro atrator; 2 é o Interior do Domínio (I); 3 é a Fronteira (F); 4 é o

Exterior (E)

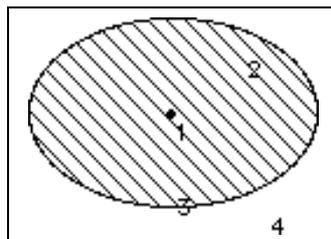


Fig. 2

Se partirmos da noção /p/, por exemplo, 1 marca o que é verdadeiramente /p/; 2 é a zona do gradiente de /p/; 3 marca a Fronteira: o que já não é /P/ e ainda não é verdadeiramente /não-p/; 4 é o Exterior do domínio, isto é, tudo o que já não é /p/.

As relações que se estabelecem entre os valores da noção no interior do domínio (I) e o que lhe é exterior (E) são complementares. As operações de determinação permitem construir, para cada enunciação, a configuração específica do domínio. Assim, poderemos exemplificar as diferentes áreas do domínio nocional a partir de enunciados como:

- (2) X é burro (2)
- (3) X é burro, mas burro (1)
- (4) X não é burro (4)
- (5) X não é propriamente um burro (3)

Um dos pontos interessantes da definição do domínio nocional prende-se com a definição do espaço-fronteira. Em 3 poderemos encontrar um espaço com espessura ou um espaço vazio. Veja-se o contraste, entre:

- (6a) X não é burro, mas também não é inteligente
- e
- (6b) X não é burro. É até muito inteligente.

A operação central da determinação nocional é a localização abstracta (repérage) - construção dum relação binária entre um termo localizador (Y) e um termo localizado (X). O operador de localização abstracta ( $\underline{\in}$ ) pode assumir valores de identificação (=) - quando existe uma identificação entre X e Y; de diferenciação ( $\neq$ ) - quando X não se identifica com Y; de ruptura ( $\omega$ ) - se não há nem identificação, nem diferenciação de X em relação a Y, existindo, neste caso, uma não-localização de X em relação a Y num domínio determinado; e, finalmente, o valor \* (valor estrela) que é um valor misto que alia a identificação com a diferenciação e a ruptura.



A identificação, enquanto operação primitiva, é responsável pela estabilidade das representações:

“(…) Identifier signifie que toute notion (...) est appréhendée à travers des occurrences de cette notion. (...). Ainsi, par voisinage toute occurrence est identifiable à toute autre occurrence, ce qui assure cette équivalence minimale sans laquelle il ne pourrait y avoir production/reconnaissance de formes. (...)” (CULIOLI 1990: 95)

A diferenciação, por seu lado, define-se a partir da alteridade construída num determinado domínio nocional. Os marcadores de negação são os marcadores por excelência desta operação (se X é diferente de Y, significa que X e Y não pertencem ao mesmo domínio nocional); no entanto, poderá haver diferentes formas de marcação desta operação. Veja-se o contraste entre

(7a) Ele não come, devora.

(7b) Ele não come, depenica.

Aquilo que é importante sublinhar é que, para haver diferenciação, é necessário haver, primeiramente, identificação. Assim, a diferenciação pode existir dentro do domínio, construindo, para cada uma das novas ocorrências, zonas concêntricas à volta do centro atrator: ‘depenicar’, por exemplo é construído como um determinado grau de /comer/ que se afasta do centro, aproximando-se da saída do domínio, enquanto ‘devorar’ se situa na zona próxima do centro atrator do domínio nocional de /comer/.

## 2. Um programa de trabalho ontologicamente diferenciado

No conjunto das possíveis análises feitas à volta da teoria de A. Culioli, - aproximações e divergências com modelos de análise diferenciados – uma das mais interessantes prende-se com a análise proposta por Aurox (1992 e 1995), em que se estabelece uma relação entre este programa de trabalho e a perspectiva da filosofia da linguagem.

O primeiro problema a discutir é saber-se como é que a filosofia da linguagem se relaciona com a linguística.

Percorrendo um campo de análise muito heterogéneo, encontramos em Aurox (1996: 4-10) uma proposta de delimitação dos objectivos que definem a filosofia da linguagem. Os pontos levantados por Aurox podem ser vistos como pontos referenciais quando existe uma aproximação entre dois campos do saber que foram encontrando quer do lado da filosofia, quer do lado da linguística, momentos de aproximação ou de distanciação.

Cabe à filosofia da linguagem dar resposta a três questões fundamentais:

a) qual a natureza da linguagem, pressupondo-se a linguagem como característica intrinsecamente humana;

b) quais as relações que se podem estabelecer entre linguagem e pensamento, isto é, como se podem associar conceitos e palavras;

c) qual a relação que a linguagem estabelece com a realidade, isto é, como



poderão ser definidas relações de verdade a partir do que se diz.

Auroux procura, deste modo, encontrar os pontos em que se pode estabelecer um encontro entre a filosofia e as diferentes correntes linguísticas.

Se se aceitar, de acordo com Blackburn (1997), que a filosofia da linguagem “(...) é a base fundamental de todos os problemas filosóficos, na medida em que a linguagem é o exercício característico da mente e o modo igualmente característico de darmos forma às nossas crenças metafísicas (...)”, os problemas decorrentes desta afirmação obrigam a definir mecanismos de análise que dêem unidade a esta heterogeneidade.

Para Auroux, o conceito da abstracção é um problema central na definição da filosofia da linguagem, estabelecendo a relação entre os fenómenos observáveis e o conhecimento desses fenómenos de forma a definir um critério diferenciador entre a abstracção tratada pela filosofia e a de que trata a linguística.

Assim, se para a filosofia da linguagem o que vai importar são as relações entre os observáveis e o conhecimento desses fenómenos (a que chamará respectivamente  $O_i$  e  $C_i$ ), para a linguística há que acrescentar ‘os mecanismos intelectuais’ a que chama  $M_i$ , que se desdobrarão em mecanismos psico-fisiológicos ( $PP_i$ ) e representações conscientes que o sujeito tem das suas actividades linguísticas ( $RC_i$ ). A partir das relações que cada um destes parâmetros estabelece, assim as teorias linguísticas criam aproximações ou divergências com a filosofia da linguagem

De acordo com este esquema, a teoria de Culioli (no seguimento das teorias da gramática histórica e dos estruturalismos de Bloomfield e de Saussure

i) estaria incluída na tese objectivista - o que por definição admite diferentes ontologias.<sup>ii</sup>

De acordo com esta tese, o conhecimento ( $C_i$ ) seria visto como um conjunto das teorias dos observáveis ( $O_i$ ). A descrição dos níveis de representação propostos por Culioli corresponde, de um modo geral, aos pontos de articulação entre  $C_1$  e  $O_i$ : o nível das operações seria caracterizado por corresponder a  $M_i$ ; o nível dos textos a  $O_i$  e o nível metalinguístico a  $C_i$ .

É tendo como base esta inter-relação entre os diferentes níveis de representação, que é possível construir um programa de trabalho que, por ser capaz de construir generalizações sobre o estudo da linguagem apreendida através da diversidade das línguas humanas, permite caracterizar a TFE como uma linguística geral: “(...) la linguistique générale déplace les préoccupations traditionnelles de la philosophie du langage pour les soumettre à la contrainte d’apporter des réponses homogènes à un type historique de connaissance empirique (...).” (AUROUX, 1992: 39).

A questão central para Auroux é a da representação do nível 3 em relação ao nível 1: a representação metalinguística de um marcador dentro de um enunciado está dependente do conjunto de operações de localização abstracta que os elementos do enunciado estabelecem entre si, e não na representação termo a termo entre noção e ocorrência dessa noção. Só assim é possível perceber as diferentes ocorrências de uma noção, e definir, através de um ‘cálculo’, as operações implicadas na construção desse enunciado: “(...) le calcul n’a pas lieu ‘avec’ les unités linguistiques (elles sont la trace du résultat) (...).” (idem: 52).

A ‘aparelhagem’ teórica proposta por Culioli, e analisada por Auroux, permite centrar a análise das formas linguísticas seguindo aquilo a que chama o ‘princípio da



discernibilidade’:

(i) se, num dado contexto, há duas formas diferentes, isso significa que essas formas são marcadores de duas operações diferentes;

(ii) se, em contextos diferentes, a mesma forma tem valores diferentes, isso significa que cada uma das ocorrências dessa forma é marcador de, pelo menos, uma operação diferente.

Assim, e no seguimento de Aurox, poderemos aceitar que é o ‘princípio de discernibilidade’ que restringe o valor dos marcadores, definindo a estabilidade das formas, mesmo quando sujeitas a deformabilidades contextuais.

O equilíbrio entre estes dois conceitos é recuperado pela relação que se pode traçar entre uma actividade de natureza metalinguística - saber linguístico consciente e representável - e a actividade de natureza epilinguística (i.e., saber linguístico, inconsciente e não representável). A relação entre estes dois ‘saberes’ pode ser definida, como

“(...) Our capacity of handle (produce and recognize) a set of shapes which do not stand in a one-one relation to the value construed by the subjects matches our capacity to trace shapes back to abstract forms and to analyse such forms as deformed close relations of an initial schematic form. (...) [This model] is both discrete and continuous. Discreteness makes it possible to deal with shapes and rule-governed relations; continuity accounts for the cross-categorical character of representations (I mean metalinguistic representations), the capacity to cope with innovation, complexity and circumstances calling for adaptative behaviour and fine tuning. (...)” (CULIOLI, 1990:195).

Para Aurox (1992: 61 e 62), é esta passagem do saber epilinguístico ao saber metalinguístico que constitui o fundamento das ciências da linguagem.

Sublinhe-se, contudo, que na discussão dos níveis de representação de Culioli, Aurox reforça o princípio da incapacidade que o linguista tem de dar conta das operações mentais do nível 1, afastando-se a teoria de qualquer hipótese psicologista. Deste modo, existe uma ruptura da TFE com Guillaume que faz oscilar a análise linguística entre o pensamento, a ideia e a linguagem: “(...) il n’y a pas de dualisme et pas de coupure chez Culioli. (...) Il n’y a pas un moment où vous seriez dans la pensée et un autre où vous seriez dans le langage. Vous êtes toujours dans la métalinguistique, c’est à dire dans la représentation du langage) (...)” (AUROUX, 1992: 43).

Ao defender que, com Culioli, existe uma mudança de paradigma na análise linguística, reforça-se a ideia de que existe um afastamento teórico, quer em relação à visão antropológica da linguagem defendida por Benveniste, quer em relação às propostas psicologistas de Guillaume.

Considerar o enunciado como um resultado e não como uma representação dá relevo, por um lado, ao conceito de imbricação *versus* linearidade de marcadores, e por outro, exige uma formalização dos enunciados que ultrapasse a representação biunívoca (operação-marcador de operação) dos seus elementos.

Conceptualmente, no programa de trabalho de Culioli, são as operações que podem apreender a invariância linguística, e por isso é possível que uma mesma operação possa estar presente em enunciados com mais do que uma interpretação. O valor ontológico das entidades conceptuais que suportam o programa de trabalho



de Culioli permite, deste modo, propor soluções adequadas aos problemas que se podem construir na análise linguística das diferentes línguas naturais.

#### **4. Nomes e Verbos: da estabilidade à deformabilidade das formas linguísticas**

“(…) E como pera o jogo de enxedrez se requerem dous reis, um de uma cor e outro de outra, e que cada um deles tenha suas peças póstas em cásas próprias e ordenádas com leies, do que cada uma deve fazer [...] assi todalas linguagens tem dous reis, diferentes em género, e concordes em ofício: a um chamam Nome e ao outro Vérbo. Cada um destes reies tem a sua dama: â do Nome chamam Pronome e à do Verbo, Advérbio. Partiçipio, Artigo, Conjugaçam, Interjeiçam, sam peças e capitães que debaixo de sua jurdiçam tem muita pionágem de dições, com que comumente sérvem a estes dous poderósos reies, Nome e Vérbo (…)” (BARROS, [1540] 1971: 293 e segs.)

Tradicionalmente aprendemos que os nomes se distinguem dos verbos por razões de ordem 'semântica': os Verbos designam processos e os Nomes designam entidades (pessoas ou coisas). Estas definições são, como se sabe, redutoras.

A oscilação destes critérios - ou do peso deles - na análise linguística constitui variáveis que estão dependentes de cada uma das línguas que se pretende analisar.

Nas línguas ocidentais, regra geral, existe uma diferença marcada entre a classe dos Nomes e a classe dos Verbos, quer a nível morfológico (sobretudo flexional), quer a nível sintáctico. Em português, por exemplo, um Nome pode receber flexão de género e número, enquanto que um verbo se flexiona de acordo com as marcas de tempo, pessoa, e modo, para além de evidenciar marcas aspectuais relevantes. Mas, mesmo nestes casos, muitas vezes as ausências de marcas e co-ocorrência com outras formas podem gerar alguma estabilidade na interpretação das formas verbais. Veja-se, a título de exemplo, o caso da flexão, em português, do Presente do Indicativo, cuja interpretação temporal e aspectual se centra nos adverbiais ou nos diferentes marcadores de determinação do complemento de objecto directo, quando este existe.

Tendo em conta a existência de uma tal variação dos valores das formas, um possível caminho para dar conta da estabilidade das formas não deve nem pode passar por critérios de etiquetagem. É neste sentido, e seguindo Culioli (1984), que se propõe, na análise linguística das diferentes formas, estabelecer uma relação entre uma teoria da actividade da linguagem e uma teoria da representação das configurações de representação, articulando-se sistemas heterogéneos, com vista à homogeneização do sistema linguístico alvo de análise. Esta proposta assenta na constatação de que, em termos cognitivos, não existem propriedades que prefigurem uma qualquer categorização das formas.

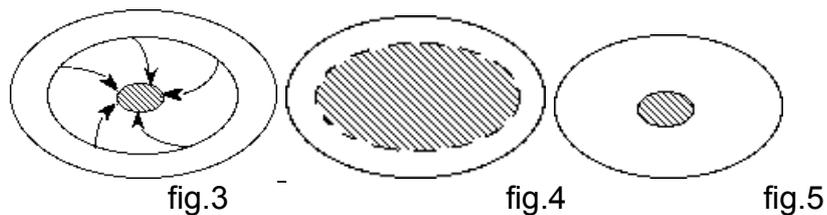
A discussão do problema desloca-se, assim, da delimitação da etiquetagem das formas linguísticas para uma proposta de análise que permita articular as categorias gramaticais (modalidade, aspectualidade, determinação) com as classes sintácticas ('nome', 'verbo',...): “(…) dans l'optique culiolienne, on n'a affaire qu'à des objets de langue construits. D'où la thématique des opérations, selon laquelle il faut se donner des règles de constitution des objets et non des objets tout constitués (…).



” (DE VOGÜÉ, 1991: 41). É graças a esta construção de um objecto linguístico, ou à forma não limitada, a priori, de o construir, que é pertinente estudar a relação intrínseca entre Nomes e Verbos quando linguisticamente figuram como ocorrências de noções complexas, nomeadamente nas formas linguísticas designadas como ‘expressões fixas’.

### 5 - As expressões fixas em Português Europeu

Seguindo o programa de trabalho acima explicitado, todas as ocorrências de noções se estabilizam de acordo com um domínio (domínio nocional) topologicamente constituído, como se apresentou anteriormente, por um Interior, um Exterior e uma Fronteira. As diferentes ocorrências linguísticas são assim formatadas de acordo com as zonas que ocupam dentro desse domínio. Esquemáticamente, e seguindo uma proposta de De Vogüé (1989), pode representar-se as diferentes configurações de ocorrências formatadas intrinsecamente (as ocorrências discretas, fig. 3), extrinsecamente (as ocorrências densas, fig. 4) e as que não permitem qualquer forma de formatação (as ocorrências compactas, fig. 5):



Deste modo, as ocorrências discretas ao serem formatadas, definem-se em relação a um padrão tipo; por seu lado, as densas necessitam de um suporte que as formate; as compactas, sendo intrinsecamente qualitativas, definem-se como a própria noção (não fragmentáveis, indiscerníveis, definidas em intensão).

As formatações acima definidas, pensadas num primeiro momento para o domínio nominal, são extensíveis ao domínio verbal. Neste caso, (e segundo Campos (1997: 193)), ter-se-á em conta, por um lado, as propriedades do predicado verbal e, por outro, a determinação do complemento (C1):

“(…) C<sub>1</sub> ne désigne par lui-même rien d’autre que le terme qui complète un schéma syntaxique occupé par un verbe, sans rien préjuger des relations qu’il entretient avec lui. Son statut se rend compatible avec la diversité des interprétations que lui confèrent les déterminations dans lesquelles il entre. (...)” (FRANCKEL & PAILLARD, 1992: 31).

Os argumentos das diferentes predicacões poderão, assim, desencadear processos de especificação de ocorrências, (nas formatações discretas), ou construtores de ocorrências (nas formatações densas). Nas formatações compactas, C1 não é nem especificador nem construtor dessas ocorrências.



Ao pensarmos naquilo que se assume como ‘expressões fixas’, poderemos afirmar que estas formas – complexas, cristalizadas, fixas – resultam de uma formatação nocional específica. Assumindo esta afirmação como generalizadora, e na sequência de trabalhos anteriores, em Correia (CORREIA & CAMPOS, 2003; CORREIA, 2004) defende-se que estas expressões constroem uma ‘esquemática’ topológica de natureza compacta – em que, por isso, não é permitido operar sobre elas qualquer fragmentação intrínseca ou extrínseca, em que todos os pontos do domínio que definem e funcionam globalmente como um todo.

Esta argumentação encontra reforço no facto de se poder definir, para as ocorrências das expressões fixas em PE, uma imutabilidade no seu funcionamento, isto é, ‘dar fé’, ‘fazer fé’ e ‘ter fé’, por exemplo, não permitem quaisquer manipulações do Objecto ( $\emptyset$  fé), obrigam a que o SN Sujeito seja sempre [+animado], obrigam à selecção, à sua direita, de um SP: ‘ter fé em SN’; ‘dar fé em/de SN’; ‘fazer fé em SN’.

Esta rigidez de funcionamento permite entender essas expressões como representações directas da própria noção. De uma forma pouco ‘fina’ poder-se-á afirmar que as expressões fixas são representações não deformadas de noções complexas. A sua estabilidade e a sua não-deformabilidade são de ordem cognitiva e não linguística, isto é, constituem ocorrências fenomenais. Sob o ponto de vista linguístico (enunciativo) é a localização em relação ao um sistema referencial (Sujeito-Espaço-Tempo) que permite, por exemplo, que estas expressões possam ocorrer em construções temporo-aspectuais diferenciadas:

- (8.a) Quando era nova, *dava  $\emptyset$  fé* de tudo /em tudo o que se passava
- (8.b) Temos *tido  $\emptyset$  fé* em que a situação mude
- (8.c) O grande problema dele é o de estar a *fazer  $\emptyset$  fé* em tudo o que lhe dizem

## 6. Configurações e estabilidade das formas linguísticas

Se analisarmos qualquer um destes V (dar, ter, fazer), em contextos de formas não-fixas, poderemos verificar que a rigidez definida entre V e Obj, desaparece:

- (9.a) Quando era nova, [todos os anos], *dava um livro /  $\emptyset$  livros / o livro* mais recente de Saramago ao meu irmão
- (9.b) Temos *tido  $\emptyset$  livros /o livro* mais recente do Saramago/ *um livro* cá em casa
- (9.c) O grande problema dele é o de estar a *fazer uma casa/  $\emptyset$  casas/ a casa*

Para além das alterações sintácticas que o último grupo de exemplos aceita (apresentando nos três casos um funcionamento aparentemente transitivo), verifica-se que C1, por ser especificador das ocorrências de V, define uma formatação discreta ao V. Mas, mesmo que C1 seja construtor de ocorrências, formatando as ocorrências como densas (no caso de V ter um funcionamento de verbo suporte), existe ainda uma disponibilidade para que C1 possa apresentar, aparentemente, o mesmo tipo de determinação:



- (9.d) Quando era nova, [todos os anos], dava uma festa / ø festas / a festa do ano.
- (9.e) Temos tido ø paciência /a [maior] paciência / uma paciência de santos [para o aturar].
- (9.f) O grande problema dele é o de estar a fazer ø queixas [por tudo e por nada]/ uma queixa [por dia]/a queixa [à policia]

Note-se, no entanto, que, neste último grupo de exemplos, C1 vai necessitar de um suporte (adverbial ou quantificador) para garantir essa formatação densa e a consequente interpretação de predicação complexa a 'dar', 'ter' ou 'fazer'.

Numa primeira análise poder-se-ia pensar que esses três processos de construir ocorrências teriam subjacente uma diversidade nocional, i.e, 'dar', 'fazer' e 'ter', em cada um dos casos, seriam representações de noções diferenciadas, e essa seria a principal razão para que pudessem apresentar configurações diferentes, restrições específicas (poderem ser ou não passivados, por exemplo), e interpretações contextualmente diversificadas. Por outras palavras, em cada uma das sequências apresentadas, existiria uma estabilidade de natureza funcional, em que cada caso constituiria autonomamente um caso de estudo.

Naturalmente, e na sequência do que se foi defendendo, poderemos aceitar que a análise das ocorrências nocionais (lexicalizadas em Ns e Vs), feita a partir da diferenciação topológica de discreto, denso e compacto, permite equacionar de uma forma consistente o ponto de discussão donde se partiu inicialmente: 'dar', 'fazer' e 'ter', por exemplo, definem uma regularidade nocional, configurada na língua em formas diferenciadas.

Neste sentido, pode afirmar-se, e de acordo com Franckel, Paillard & Saunier (1997), que todas as formas lexicais constroem um guião (scénario) que lhes permite estabelecer regulações a partir da sua variação semântica. Esta regulação é feita operando-se sobre diferentes planos – sintáctico, semântico, enunciativo –, a partir de uma forma esquemática, definida como "(...) un dispositif abstrait jouant un rôle de régulation d'une variation qu'elle permet d'articuler sur plusieurs plans. (...)." (*ibidem* : 51)

Aceitando o princípio da existência de uma forma esquemática reguladora das instabilidades lexicais resultantes das diferentes configurações que as línguas permitem ou inviabilizam, as diferenças das diferentes ocorrências de 'dar', 'fazer' e 'ter', tendo em conta apenas os seus funcionamentos lexicais, deverão esbater-se quando esses mesmos termos se configuram com funcionamentos 'suporte', ou quando ocorrem em expressões fixas, como as exemplificadas anteriormente.

Deste modo assumir-se-á, e seguindo Paillard (2001: 101), que a definição de um pólo de invariância pode assumir formas diferentes, sendo que a forma esquemática de um termo pressupõe que a identidade desse termo é indissociável da relação que estabelece em relação ao contexto: "(...) en tant que schéma elle [la forme schématique] reçoit sa substance des éléments du contexte qu'elle convoque. De ce point de vue, une forme schématique est assimilable à un scénario abstrait. (...)."

Fará assim todo o sentido, ao analisar-se a possibilidade de 'dar', 'fazer' 'ter' ocorrerem com valores diferenciados em PE, encontrar uma estabilidade do SN que ocorre à sua direita, verificando-se as relações que cada um destes verbos



estabelece com  $C_1$ , bem como o valor das preposições que podem definir o terceiro termo da relação. O mesmo tipo de procedimento deverá ser considerado, quer com o seu uso ‘pleno’, quer como ‘suporte’.

As regularidades encontradas com os verbos como ‘dar’, ‘fazer’ e ‘ter’, independentemente das interpretações que ganham na língua, definem algumas correlações que importa reter :

- as ocorrências definidas como expressões fixas, apresentam SNs cujo denominador comum é a definição de um esquema constante :  $\emptyset N_{compacto} / \text{Det art def } N_{compacto}$ ;
- as ocorrências definidas como  $V_{sup}$ , apresentam SNs cujo denominador comum é uma variação de Dets, como construtores de ocorrências densas;
- as ocorrências definidas como  $V_{pl}$  seleccionam SNs formatados discretamente.

A partir de alguns exemplos<sup>iii</sup> paradigmáticos destes verbos, apresenta-se no quadro seguinte a sua regularidade distribucional, bem como a significação que, regra geral, lhes são atribuídas pelos falantes do PE:

	Exp fixa	$V_{pl}$ [V SN (SP)]	$V_{sup}$ [V SN (SP)]
DAR	[V SN] Dar fé <small>descobrir</small> Dar conta <small>saber</small> Dar o salto <small>fugir</small> ...	Dar o livro à Maria  Dar os livros do pai  ...	Dar sorte à Maria  Dar festas ao gato <small>acariciar</small>  Dar saltos <small>saltar</small> Dar abraços <small>abraçar</small> ...
	[V SP] Dar à sola <small>fugir/correr</small> Dar para esse peditório <small>contribuir</small> ...		
FAZER	[V SN] Fazer fé <small>acreditar</small> Fazer flores <small>disfarçar</small>  [V SP] Fazer de conta <small> fingir</small> ...	Fazer uma casa <small>construir</small>  Fazer um bolo <small>cozinhar</small> ...	Fazer festas <small>festejar</small>  Fazer festas ao gato <small>acariciar</small> Fazer queixas <small>queixar-se</small> ...
TER	[V SN]  Ter fé <small>acreditar/crer</small> Ter razão <small>estar certo</small> .....	Ter uma casa <small>possuir</small> ...	Ter dinheiro <small>ser rico</small>

A aparente polissemia destas sequências permite discutir se as formas de



cada um destes verbos podem ser definidas – de uma forma esquemática – a partir da sua estabilidade primeira, que contenha na sua definição a deformabilidade dessas formas. Recuperando o que foi definido como valor de incidência por Auroux, poderemos verificar, e satisfazendo o primeiro princípio, que, nas diferentes configurações que ‘dar’, ‘fazer’ e ‘ter’ definem com as diferentes entidades de natureza nominal ou de natureza preposicional, a predicação construída tem, subjacentes, operações de natureza diferente, operações dependentes da formatação dentro de um domínio. Assim, o valor compacto atribuído a ‘dar’, ‘fazer’ ou ‘ter’ quando ocorrem em expressões fixas, define um reenvio da ocorrência à noção, sendo por isso intrinsecamente qualitativas. O determinante  $\emptyset$  (em ‘ter  $\emptyset$  fé’) ou o determinante artigo definido (em ‘dar o salto’) são marcas disponíveis em PE dessa operação. Aspectualmente, a construção de acontecimentos de natureza estativa remete para uma predicação que incide sobre C0 (o sujeito da predicação) e não sobre C1. No caso de se tratar de verbo pleno, a natureza do acontecimento linguístico é eventiva, e as formas dos determinantes nominais constroem a existência das ocorrências de C1, ou retomam a construção dessa ocorrência (quando são marcadas pelo determinante definido). Finalmente, como verbos ‘suporte’, sob o ponto de vista aspectual, os acontecimentos construídos são formatados tendo um suporte espaço-temporal, reforçando o valor iterativo ou habitual – de eventos (dar abraços) ou de actividade (dar festas).

Por outro lado, independentemente de ocorrerem em expressões fixas, como verbos plenos ou como verbos suporte, cada um dos verbos em análise estabiliza as suas diferentes ocorrências e configurações em PE, a partir de formas esquemáticas diferenciadas para cada um dos casos<sup>iv</sup>: ‘dar’ define uma deslocação entre a predicação (X dar Y) e Z, seja este realizado ou não; ‘fazer’ constrói uma transição entre a predicação e o resultado dessa predicação ((X fazer Y) a Z); finalmente, ‘ter’ obriga, independentemente de Y (C1) ser ou não construtor de ocorrências, a uma autolocalização centrada em C0 (sujeito da predicação).

É na articulação destes dois planos que é possível desenvolver um programa de trabalho, que, centrando nas formas linguísticas produzidas e reconhecidas pelos falantes, permite descrever o funcionamento das línguas e, idealmente, entender (ou colocar hipóteses sobre) a actividade da linguagem.

Os dados aqui discutidos devem, no entanto, ser encarados como dados que, sendo embora relevantes para um projecto actualmente em curso no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, representam, apenas, uma das vertentes deste projecto. As hipóteses levantadas são apenas hipóteses. O trabalho futuro visará aprofundar e validar as hipóteses agora apresentadas.

**ABSTRACT:** in this article is proposed a semantic analysis of Portuguese verbs ‘dar’ (to give), ‘fazer’ (to do) and ‘ter’ (to have) in their lexical and light functions. Dealing with the difference proposed by Culioli framework between ‘stability’ and ‘deformability’ of linguistic shapes, we give special attention to the uses of these verbs when they occur in idiomatic expressions. As part of an idiomatic expression, verbs like ‘dar’, ‘fazer’ and ‘ter’ may be analysed as complex notions, with the same abstract semantic properties as their occurrences as lexical or light verbs.

**Keywords:** Schematic form; notional domain; discrete/ dense/compact configurations. █



## Referências

- AUROUX, S. *La Philosophie du Langage*. Paris: PUF, 1996.
- AUROUX, S. L'hyperlangue et l'externalité de la référence. In: ROBERT, S. (ed) *Langage et sciences humaines: propos croisés*. Paris: Peter Lang, 1995, p. 25-38.
- AUROUX, S. La philosophie linguistique d'Antoine Culioli. In: CULIOLI, A. et al. *La théorie d'Antoine Culioli. Ouvertures et incidences*. Paris: Ophrys, 1992, p. 39-59.
- BARROS, J. *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa, Luís Rodrigues, [1540] 1971 (reprodução fac-similada de L. BUESCU, Lisboa: Faculdade de Letras).
- BLACKBURN, S. *Dicionário de filosofia*. Lisboa: Gradiva, 1997.
- CAMPOS, M. H. C. *Dever e poder. Um subsistema modal do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/JNICT, 1998.
- CAMPOS, M. H. C. *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1997.
- CAMPOS, M. H. C. De Saussure às teorias enunciativas: ruptura ou continuidade? *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas 9 - (Identidade, tradição e memória)*, 1996, p. 49-59.
- CORREIA, C. N. Para uma análise semântica dos Verbos Suporte em Português Europeu. In *Actas do 7º Congresso de Linguística Geral*. Barcelona, 2006 (suporte CDRom).
- CORREIA, C. N. Os Nomes e os Verbos suporte. In FREITAS, T.; MENDES, A. (orgs.) *Actas do XIX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, 2004, p.195-202.
- CORREIA, C. N.; CAMPOS, M. H. C. Construções com dar e fazer SN em Português Europeu. *Anais III Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)*. Rio de Janeiro, Março de 2003.
- CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation. Formalisation et opérations de repérage* (t2). Paris: Ophrys. 1999a.
- CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation. Domaine notionnel* (t3). Paris: Ophrys. 1999b.
- CULIOLI, A. À propos de la notion. In: RIVIÈRE, C.; GROUSSIÈRE, M.-L. (dirs.) *La Notion*. Paris: Ophrys, 1997, p. 9-24.
- CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations* (t1). Paris: Ophrys. 1990.
- CULIOLI, A. Remarques finales en guise de conclusion. *Modèles linguistiques VI* (1), p. 239-248, 1984.
- CULIOLI, A. et al. *La théorie d'Antoine Culioli. Ouvertures et incidences*. Paris: Ophrys, 1992.
- De VOGÜÉ, S. La transitivité comme question théorique: querelle entre la Théorie des Positions de J.C. Milner et la Théorie des Opérations Prédicatives et Enonciatives d' A. Culioli. *LINX*, 24, p. 37-65, 1991.



De VOGÜÉ, S. Discret, dense et compact – les enjeux énonciatifs d'une typologie lexicale. In: FRANCKEL, J.-J. (ed) *La notion de Prédicat*. Paris: UFRL, Coll ERA 642, 1989, p. 1-37.

FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. Object: construction et spécification d'occurrences. *Le Gré des Langues*, p. 29-43, 1992.

FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. Object-complément-repère. *Langages*, 94, p. 115-127, 1989.

FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D.; SAUNIER, E. Modes de régulation de la variation sémantique d'une unité lexicale. Le cas du verbe *passer*. In: *Actes du Colloque International La locution: entre lexicque, syntaxe et pragmatique*. Paris: Klincksieck, 1997, p. 49-68.

LAZARD, G. *L'Actance*, Paris: PUF, 1994.

PAILLARD, D. À propos des verbes «polysémiques». *Syntaxe et Sémantique*, 2, p. 99-120, 2001.

**Notas explicativas:**

<sup>i</sup> A aproximação entre Saussure e Culioli é igualmente defendida por Campos (1996), que estabelece as relações possíveis entre a teoria de Culioli e as propostas de Saussure nomeadamente na “(...) definição metateórica do objecto de análise (...) para Saussure a *langue* sistema abstracto; para Culioli, a actividade da linguagem, constituída por invariantes definíveis em termos abstractos (...)”. Afirma ainda que é “(...) a reflexão filosófica, aliada a preocupações de natureza científica, que se encontra na base das duas abordagens. (...)” (idem: 58), sublinhando, no entanto, divergências incontornáveis entre os dois linguistas como a oposição *langue/parole*, que para Saussure é estruturadora de toda a teoria, sendo essa relação inexistente em Culioli.

<sup>ii</sup> A questão ontológica é uma das questões centrais nas propostas da filosofia da linguagem, transportada para a linguística, centrada sobretudo à volta das diferentes propostas da análise semântica, nomeadamente no estudo dos nominais enquanto entidades ‘representantes’ do mundo real. Auroux (1995: 313 e segs), ao analisar “o estatuto das entidades que pressupõem as ciências da linguagem”, procura o “estatuto das entidades que o linguista constrói”. É neste sentido que se deve entender esta multipossibilidade de ‘ontologias’ dentro da tese objectivista onde a TFE se inclui. Como exemplo encontramos em Auroux (1992: 55 e segs) a discussão do valor ontológico das entidades operativas propostas por Culioli - como a *noção*, *domínio nocional*, *lexis*, *Qnt/Qty* ...No entanto é possível que o linguista possa introduzir na discussão dos factos das línguas entidades estranhas como as partículas virtuais da física quântica (AUROUX 1992: 57). Se retirarmos o factor inesperado desta afirmação, poderemos, no entanto, perceber que o que está em causa é a possibilidade de se criar modelos adequados à explicitação do conhecimento, passando para segundo plano a metalinguagem utilizada.

<sup>iii</sup> Os exemplos aqui apresentados são exemplos ‘básicos’ que habitualmente podem servir para exemplificar o funcionamento destes verbos. A validação destas ocorrências em *corpora* faz parte do projecto sobre Verbos e Formas Esquemáticas actualmente em curso (L3, CLUNL).

<sup>iv</sup> Sobre as formas esquemáticas destes verbos ver, entre outros, Correia e Campos (2003) e Correia (no prelo).